

*I Am Embedded in a History
of Imposed Silences:*
**Práticas literárias e artísticas
decoloniais luso-africanas**

PATRÍCIA LINO
UCLA

PATRÍCIA MARTINHO FERREIRA
UMass Amherst

O dossiê temático *I Am Embedded in a History of Imposed Silences*:¹ *Práticas literárias e artísticas decoloniais luso-africanas* reúne trabalhos críticos e artísticos de autoras(es) africanas(os), portuguesas(es) e afro-portuguesas(es) que se dedicam, a partir da escrita tradicional ou intermedial, à produção (diaspórica ou não) de narrativas coloniais, pós-coloniais e anticoloniais sobre renegociações identitárias, políticas da identidade e do corpo, natureza, espaço/lugar, memória e história, resistência e reparação.

Assentes na revisitação do arquivo colonial e generalizadamente avessos aos legados coloniais e às dinâmicas neocoloniais, os nove artigos deste volume, na sua maioria escritos em inglês, destacam-se por analisarem com grande originalidade, a um nível tanto cronológico quanto interdisciplinar, objetos artísticos publicados em Angola, Moçambique e Portugal dos séculos XX e XXI.

Luís Madureira, em “‘The Real Tragedy of Historical Contingency’: Rehearsing the Failed Revolution in Postcolonial Angolan Theater”, avalia os limites e as falhas das encenações dramáticas da luta revolucionária em Angola e explica-nos como a produção teatral pós-independência se identifica intimamente com a ideia de estado revolucionário. Madureira explora um período e um gênero de produção literário-cultural pouco trabalhados pela crítica, focando a sua atenção particularmente na análise de *A corda* (1978) de Pepetela e *No velho ninguém toca* (1978) de Fernando Costa Andrade. Já Francisco Noa, em “O devir no feminino

¹ Grada Kilomba, “While I Write,” Bienal de São Paulo, 2016. Acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w>.

em José Craveirinha”, revisita a poesia do autor moçambicano para comentar sobre a pluralidade e diversidade de dimensões e papéis que as mulheres assumem no imaginário do poeta, e chama, ao mesmo tempo, a atenção para um universo tendencialmente falocrático que, além de basear-se em certas imagens de desejo e valor, se evidencia pelo processo de desumanização dos corpos femininos. Em “A lança que o vento lascivo trilhou”: Wind and the Quasi-Thing in Luís Carlos Patraquim’s Mozambican City”, Inês Forjaz de Lacerda observa como o mundo natural, em particular o vento, é referido nos poemas de Luís Carlos Patraquim para nos dar a ver a representação, durante o período pós-revolução, de uma Maputo ancestralmente sensorial. Por sua vez, Marie Claire De Mattia propõe, em “Rearticulating Women’s Silence in Paulina Chiziane’s *Niketche* and in Ama Ata Aidoo’s *Changes*”, uma leitura comparativa dos dois romances ao assumir o silêncio como instrumento passivo de microrresistência. A autora demonstra, sobretudo, como o silêncio em *Niketche: Uma história de poligamia* (2002) e *Changes: A Love Story* (1991) contesta as práticas de aniquilação, assimilação e apropriação do sistema patriarcal. Finalmente, ainda dentro do universo moçambicano, Marlon Augusto Barbosa, em “A linguagem das flores: Considerações sobre o filme *Virgem Margarida*, de Licínio Azevedo”, defende como o cineasta, ao recorrer à desmonumentalização dos símbolos e do movimento de cores e superfícies, denuncia as contradições do projeto nacional socialista da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) claramente visíveis na história das mulheres enviadas, à força, para os campos de reeducação no período pós-revolucionário.

No que diz respeito aos trabalhos em torno do espaço português pós-imperial, Jesús Montoya repensa, em “Figurações da imagem: Narrações fotográficas em *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo”, a possibilidade de escrever sobre o colonialismo com recurso à fotografia e à ideia de inacabamento, dando destaque às condições de produção textual e editorial que subjazem ao livro de Isabela Figueiredo. Já Ayodeji Richard Olugbuyiro revisita, em “An Enduring Paradigm of Resistance: The Resurgence of Negritude in Contemporary Black Portuguese Poetry”, o conceito de negritude e as suas ramificações temáticas com base na análise dos poemas reunidos na antologia de poesia negra portuguesa contemporânea *Djidiu: A herança do ouvido* (2017). *O barco/The Boat* (2021) de Grada Kilomba é a obra em análise no artigo de Kathryn Sanchez. Além de identificar nesta performance-instalação a denúncia dos legados do colonialismo,

do racismo e das injustiças sociais na sociedade contemporânea, “Reclaiming Legitimacy through Performance: Postmemory, Blackness, and Belonging” reformula e amplia a conceptualização do Atlântico Negro a partir dos trabalhos de Diana Taylor, Marianne Hirsch, Christina Sharpe e Peggy Phelan. No último dos artigos, “Reassessing the Portuguese Imperial Past: Scholarly Perspectives and Civic Engagement”, Pedro Cardim mapeia e analisa, ao recuar vinte anos no tempo, certas manifestações ativistas, literárias e artísticas contrárias ao discurso colonial português para, mais tarde, refletir sobre o seu impacto na lógica celebratória do passado dos descobrimentos.

Este volume inclui ainda uma entrevista feita por Patrícia Martinho Ferreira ao fotógrafo e videógrafo Dário Pequeno Paraíso, traduzida para o inglês por Adi Gold, “*It Was Photography that Discovered Me: A Conversation with Dário Pequeno Paraíso*”. E, finalmente, a secção criativa do volume é composta, num primeiro momento, pela intervenção visual de Inês Beleza Barreiros, *Salão Nobre | Salão Pobre*, cujo objetivo é o questionamento do arquivo colonial português, pondo em evidência o que pode e o que não pode ser representado e, num segundo momento, por um conjunto de poemas e videopoemas de Margarida Vale de Gato, Alice Neto de Sousa e Biru.

A reflexão académica e a produção artística contempladas neste volume temático oferecem diferentes perspectivas estilísticas, históricas e culturais, mas estão longe de esgotar o debate em torno dos legados coloniais e das dinâmicas neocoloniais nos espaços culturais africanos e euro-africanos em português. Convidamos, por isso, as(os) leitoras(es) a conversar connosco, continuando a pensar e a repensar as possibilidades e práticas artísticas decoloniais luso-africanas a partir de diversos pontos de vista e de várias geografias em português.